VII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología
XXII Jornadas de Investigación XI Encuentro de Investigadores en Psicología del
MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos
Aires, 2015.

Aspectos simbólicos da natureza, ecologia e do meio ambiente: uma interpretação junguiana.

Serbena, Carlos.

Cita:

Serbena, Carlos (2015). *Aspectos simbólicos da natureza, ecologia e do meio ambiente: uma interpretação junguiana*. VII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XXII Jornadas de Investigación XI Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-015/60>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/epma/NXW>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

ASPECTOS SIMBÓLICOS DA NATUREZA, ECOLOGIA E DO MEIO AMBIENTE: UMA INTERPRETAÇÃO JUNGUIANA

Serbena, Carlos

Universidade Federal do Paraná (UFPR). Brasil

RESUMEN

Os movimentos ecológicos podem ser vistos manifestações sociais de uma crise nos paradigmas do modo ocidental de pensar. Os fundamentos filosóficos e os valores da sociedade ocidental entram em crise e são questionados e os movimentos ecológicos e os questionamentos que daí surgem dão origem a formas diferentes de pensar a relação homem-natureza e a visão do próprio homem. Deste modo, o objetivo deste trabalho é analisar os aspectos simbólicos da natureza, ecologia e do meio ambiente no contexto da crise contemporânea a partir de teoria psicológica de C. G. Jung. A análise teórica indica que o indivíduo tende a ampliar significativamente a sua relação com o meio ambiente (experiência ambiental) de maneira que ela contribuía e seja fundamental para a construção de um significado (ou sentido para sua vida). Isto é pode ser interpretado psicologicamente como a natureza ou o meio ambiente assumindo um caráter simbólico, isto é, recebendo uma projeção da imagem de totalidade e integração, isto é, do Self. Isto implica em um “reencantamento” do mundo natural e a religiosidade passa a incorporar a natureza como elemento fundamental do ser humano e incorporando, de forma fantasiosa ou não, o sujeito em si mesmo, nos deuses e natureza

Palabras clave

Ecologia, Self, Psicologia analítica, Modernidade, Crise

ABSTRACT

SYMBOLIC ASPECTS OF NATURE, ECOLOGY AND THE ENVIRONMENT: A JUNGIAN INTERPRETATION

The ecological movements can be seen manifestations of a social crisis of the Western thinking and your paradigms. The philosophical foundations and values of Western society come in crisis and are questioned and ecological movements and the questions that arise then give rise to different ways of thinking about human-nature relationship and the man's own vision. Thus, the aim of this study is to analyze the symbolic aspects of nature, ecology and the environment in the context of contemporary crisis from psychological theory of C. G Jung. Theoretical analysis indicates that the individual tends to significantly expand its relationship with the environment (environmental experience) so that it contributed and is fundamental for the construction of a meaning (or sense for your life). This is psychologically can be interpreted as the nature and the environment assuming a symbolic character, i.e., receiving a whole image projection and integration, that is, the Self. This implies a “re-enchancement” of the natural world and the religion incorporates the nature as a fundamental element of human and incorporating, of fantasy or not, the subject in itself, the gods and nature

Key words

Ecology, Self, Analytical psychology, Modernity crisis

Em uma pequena aldeia francesa no ano de 1587, relata Ferry (1994: 7s), carunchos foram processados por agricultores, que pediam “excomunhão” deles, devido ao fato de invadirem vinhedos, causando danos. O juiz nomeou um defensor para os insetos e negociou com os agricultores. As fontes não indicam o resultado do processo, mas houve outros processos, nos quais os animais e insetos obtiveram ganho de causa. Este fato, processar animais ou insetos, parece estranho e irracional para os indivíduos atuais, mas ilustra perfeitamente outra relação ou atitude para com a natureza, animais, insetos e árvores que existia antes da Idade Moderna na sociedade ocidental. Eram atribuídos à natureza e seus entes uma alma, sendo considerados como obras de Deus, possuindo um estatuto na justiça eclesiástica da época. A natureza e o homem eram considerados como obras divina e possuindo direitos.

A expansão da industrialização, a urbanização e a perda da hegemonia pela Igreja acarretaram mudanças na atitude do homem em relação à natureza. Isto pode ser exemplificado pela mudança no significado do campo e da cidade na Inglaterra. Na Renascença a cidade era considerada como fonte de civilização, de aprendizagem e educação; o campo, ao contrário, estava ligado à rusticidade e insegurança. Na Inglaterra, no séc. XIX, com a industrialização, ocorre a degradação do espaço urbano e a aglomeração de pessoas em más condições de vida e a imagem do campo modifica-se. Ele passa a ser considerado como mais belo que a cidade e seus habitantes mais saudáveis e moralmente superiores que os habitantes das cidades, apesar dos fatos sociais contradizerem muitas vezes esta imagem (cf. Thomas, 1988: 290). O campo deixa de ser a fonte de riqueza e poder para se tornar um local de refúgio e descanso da vida urbana moderna, deste modo, a natureza, na sociedade atual está ligada ao modo de vida rural.

Estes fatos relacionam-se com o desenvolvimento da ciência e da técnica, permitindo a criação de artefatos que possibilitaram a exploração e o uso intensivo do recursos naturais. Isto gerou grandes alterações no meio ambiente. Estas alterações foram justificadas pela noção religiosa de que o homem é o senhor da criação e da natureza, que seu dever é dominá-la e colocá-la ao seu serviço e de que a natureza e os animais são máquinas biológicas e não seres vivos. A industrialização ocorre de forma intensiva ocorrendo mudanças sociais, nos modos de produção e de vida dos indivíduos, ocorrendo o crescimento das cidades e grandes distinções entre o modo de vida urbano e rural.

No século XIX, o processo de industrialização avança da Inglaterra para outros países europeus e para os Estados Unidos, estendendo-se no séc. XX, apesar dos percalços, para vários países e regiões do mundo. Segundo Hobsbwan (1995) na década de 1960, a maior parte do mundo está industrializada, a maior parte da população é urbana e não mais rural como fora até então. Este processo foi acompanhado pelo uso e exploração intensiva dos recursos naturais, sendo considerados inesgotáveis e infinitos. A exploração excessiva começa a ser sentida, fenômenos como poluição, mudanças no clima e tragédias naturais mostram que a natureza possui limites

e que a industrialização baseada neste modelo não pode ser estender indefinidamente. A questão ecológica começa ser considerada devido aos problemas do meio ambiente que tornaram-se gritantes, entrando na agenda internacional. Um marco neste processo é a reunião de cientistas do Clube de Roma em 1975 que mostra a existência de limites para o crescimento econômico e do consumo, paralelamente começam a surgir vários movimentos ecológicos não ligados a governos como o movimento anti-nuclear e os verdes na Europa. Deste modo, o pensamento sobre a relação homem, natureza e meio ambiente - a ecologia- se aprofunda constituindo como fundamental para compreender as questões contemporâneas e a inserção do homem em sua materialidade.

O pensamento ecológico

A ecologia pode ser vista como uma tentativa de enraizamento do home, em movimento oposto ao “desenraizamento” do indivíduo, isto é, ao processo da sociedade moderna de separar o indivíduo de suas tradições, costumes e culturas locais.. Ferry (1994: 21s) divide o pensamento ecológico em três correntes. A primeira é pragmática, protege e considera a natureza e o meio ambiente na medida em que são fundamentais para a sobrevivência humana, as mudanças devem ocorrer dentro do modelo de sociedade atual. Pode ser vista nos documentos de entidades internacionais em que procura-se “conseguir um desenvolvimento sustentado e equitativo” (BM, 1992: 1) e considera que os problemas ambientais podem frustrar o desenvolvimento pela queda na sua qualidade ou por “comprometer a produtividade futura” (BM, 1992: 1). É o pensamento tradicional e dominante incluindo o meio ambiente, sem mudanças profundas.

A segunda atribui significação moral para certos seres não-humanos e passíveis de sentir prazer e dor, procura assegurar o interesse dos homens e destes seres diminuindo o sofrimento e aumentando o bem estar de todos eles. A terceira corrente atribui direito e significação moral para a natureza inteira, em todas as suas formas, tende a ser o pensamento dominante nos movimentos ecológicos ou alternativos da Alemanha e Estados Unidos. Ele realiza uma crítica radical do humanismo e da sociedade de produção e consumo vigente atualmente.

Ela considera que para a superação da crise atual é necessário uma mudança radical nos paradigmas e nos modos de vida predominantes na sociedade atual. Preconiza uma mudança de atitude para com a natureza, que passa a ter valor em si. O homem não está sozinho, mas inserido dentro de um sistema amplo e interdependente em todos os seus elementos. Este sistema integra os seres vivos, as cadeias alimentares, o meio ambiente, os recursos naturais e todas as suas inter-relações, se houver modificação em um dos seus elementos ele afeta o sistema como um todo.

A ecologia, o movimento ecológico e as questões ambientais não podem ser dissociadas de seu aspecto político pois “as diversidade de visões e alternativas de ação global propostas pelo ecologismo mundial são expressão de seu forte caráter de sujeito histórico, capaz de penetrar e transformar amplamente a realidade sócio-política existente.” (Leis, H. R., 1991: 10). Deve-se tomar como base deste aspecto o fato que um quinto (1/5) da população mundial consome a maior parte dos recursos do planeta e é a grande responsável pela degradação do ecossistema planetário, enquanto isso três quintos (3/5) vivem na miséria, não satisfazendo as necessidades básicas e tendo como ideal de consumo o padrão da parte privilegiada. As políticas ambientais nos países do Primeiro Mundo melhoraram a qualidade ambiental em seus países e pioraram a de países do Terceiro Mundo, como na América Latina. Isto ocorreu

de várias formas, como a exportação do lixo, da transferência de indústrias altamente poluentes e de uso intensivo de energia que sofrem oposição nos países de Primeiro Mundo e da utilização em larga escala de agrotóxicos e fertilizantes químicos sem o devido controle. (cf. Viola, E. J. & Leis, H. J, 1991). Desta forma existem problemas ambientais característicos de países desenvolvidos (Primeiro Mundo), semi-desenvolvidos e miseráveis (Terceiro Mundo) e diferentes visões de ecologia e de maneiras de resolução da crise. A terceira corrente, denominada de ecologia profunda (“deep ecology”) questiona os paradigmas de pensamento cartesiano, o mecanicismo, a sociedade ocidental e seus valores, da “modernidade” fundada nos ideais do Iluminismo, da revolução francesa e industrial tais como o ideal de consumo, o individualismo, o conceito de liberdade humana absoluta. Neste sentido, por exemplo, Serres (1991) propõe a existência de um contrato natural antes do contrato social, que fundamenta a vida em sociedade. A natureza e os seres vivos não humanos possuem direito que o homem deve respeitar e regular sua relação com eles através deste contrato natural.

Ecologia e crise de significado

A ecologia profunda considera que a crise ecológica tem solução apenas com mudanças sociais e de paradigmas e valores. Ao “desenraizamento” da modernidade, é proposta uma nova de ancoragem existencial (cf. Ferry, 1994), com o retorno da dimensão religiosa, mítica ou escatológica abolidas pela modernidade. A ecologia profunda afirma que resgatar esta dimensão espiritual é um dos elementos necessários para superação da crise.

Vários aspectos da crise ecológica são relatados por Boff, afirmando que ela remete para um novo nível de consciência mundial, mostrando “a importância da Terra como um todo, o destino comum da natureza e do ser humano” (1993: 22). Há uma necessidade da mudança de atitude do ser humano para com a natureza, para isto é necessário modificar a maneira e o significado que a natureza para o ser humano. Neste processo é fundamental atribuir um valor para a natureza e dar um sentido e significado para a existência humano e para a natureza. Isto corresponde a resgatar a dimensão “espiritual”, que é ignorada e desprezada pelo modelo de pensamento técnico-científico dominante.

Este resgate “espiritual” procura significados e modelos de relacionamento harmonioso entre o homem e a natureza e encontra-os em várias tradições religiosas. Capra (1988) mostra este relacionamento nas grandes tradições orientais, Boff (1993) mostra esta possibilidade dentro do cristianismo ocidental, Bowers (1993) mostra a importância das culturas das sociedades tradicionais para este propósito e Berry (1990) propõe como tema unificador (ou imagem) o planeta Terra e o resgate do simbolismo associado a ela, denominando esta imagem de “o sonho da Terra”.

A problemática moderna é resumida por Guattari (1997). Ele afirma que vive-se um período de grande transformação técnico-científica e social, com uma deterioração na qualidade geral da vida humana e nos laços social, uma continuação dos antagonismos entre as classes sociais e nas relações homem-mulher. Ocorre a instauração do capitalismo ao nível planetário e de maneira integrada e existe uma crise ecológica que ameaça a sobrevivência da humanidade. Entretanto, os governos e instituições políticas e executivas não parecem perceber esta problemática e suas implicações. A resposta à crise ecológica exige uma revolução cultural e política em escala planetária, não sendo “justo separar a ação sobre a psique daquela sobre o socius e o ambiente” (Guattari, 1997: 24) e considerar os três registros ecológicos: do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana.

Subjetividade e meio ambiente

Com a crise ecológica surgiu a necessidade de estudar melhor a relação entre o homem e o meio ambiente, a partir da década de 70 afirmou-se a Psicologia Ambiental que aborda este aspecto. Caracteriza-se por uma abordagem “holística” (o comportamento no seu contexto ambiental), estuda a relação recíproca entre o comportamento e o meio ambiente, os temas exigem uma abordagem interdisciplinar e multi-metodológica e quase toda pesquisa se orienta para resolver um problema prático (cf. Gunther, H. & Rozestraten, R. J. A., 1994). Ela dá uma atenção a localização do indivíduo diante dos elementos de seu ambiente, estudando a interrelação entre o comportamento humano e o meio ambiente. É um campo novo e possui grande variedade de métodos, conceitos e problemas, sem limites definidos (cf. Proshansky, H. M.; Ittelson, W. H. & Rivlin, L.; 1998: v-viii)

Ela considera que “...una parte decisiva de nuestra identidad se conforma en base la interacción que establecemos con los lugares que creamos e habitamos...” (Corraliza, J. A. & Gilmartin, M. A., 1998: 410). Este ambiente é dividido fundamentalmente de duas maneiras, ambiente natural e construído ou modificado pelo homem. Estes não são mutuamente exclusivos, mas dois pólos para classificar o ambiente. Por exemplo as salas, casas e quadras podem ser consideradas dentro de um ambiente construído final: uma determinada cidade e um parque com árvores e lago ou uma fazenda pode ser considerado um ambiente natural, apesar das modificações humanas. (cf. Heimstra, N. W. & McFarling, L. H., 1978). A experiência humana cotidiana não basta para entender a vivência do homem com o meio ambiente (environmental experience) afirmam Lowenthal, D & Prince, H. C. (1976). Relatam que é necessário considerar também a experiência transcendental, também denominada de mística ou religiosa. Ela enriquece a consciência a respeito do ambiente, libera sentimentos e oferece insights a respeito do homem e natureza, sendo retratada na arte e na literatura com a utilização da imaginação e dos símbolos. Uma das maneiras de apreender esta experiência consiste em compreendê-la em termos psicológicos como a experiência de encontro entre a consciência e as imagens, fantasias e desejos. Deste modo, os múltiplos valores e significados conscientes e inconscientes que o sujeito atribui a natureza e a seus elementos terminam por constituir a realidade significativa de sua experiência e vivência, isto é uma realidade psíquica que condensa estas três esferas: meio ambiente, subjetividade e transcendência.

Relação entre psique e realidade

Uma das maneiras de considerar a ligação e o inter-relacionamento entre estas três esferas é psicologicamente através do conceito de projeção desenvolvido por Jung (1991: par. 881s). Ela é considerada um fenômeno natural do ser humano, consistindo em atribuir a um objeto externo (por exemplo: pessoa, grupos sociais, objetos) conteúdos próprios inconscientes ou negados em si próprio. Através dela, o ego (ou consciência) toma conhecimento do mundo interno da psique. Deste modo, a subjetividade, entendida aqui como consciência, constitui sua realidade psíquica por meio do relacionamento com o meio ambiente e a transcendência organizando-os em uma totalidade afetiva e significativa.

A realidade e o conhecimento objetivo se colocam aos poucos para a consciência, através dos erros oriundos da projeção que aparecem nas avaliações equivocadas e nas suas conseqüências. Estes erros proporcionam ao ego uma forma de tomar conhecimento do seu engano e perceber que um conteúdo ou característica de si próprio é que está sendo vista no objeto. Através de uma auto-

avaliação, ele percebe isto e integra este conteúdo (antes inconsciente) ao ego. Para isto, modifica sua atitude ou visão do objeto, adquirindo maior percepção e consciência de si próprio (realidade interna da psique) e da realidade externa.

A projeção ocorre no indivíduo, mas pode possuir um caráter coletivo. Uma determinada sociedade pode reprimir certos conteúdos, que passam atuar de forma inconsciente e são projetados em outras sociedades ou em objetos desconhecidos. Isto aparece claramente na primeira imagem do desconhecido: “Tudo o que é desconhecido e vazio está cheio de projeções psicológicas; é como se o próprio pano de fundo do investigador se espelhasse na escuridão. O que se vê no escuro, ou acredita poder ver, é principalmente um dado do seu próprio inconsciente que aí projeta. Em outras palavras, certas qualidades e significados potenciais de cuja natureza psíquica é totalmente inconsciente” (Jung, 1986, par. 332).

Desta forma o mecanismo psíquico da projeção funciona como uma ligação entre a estrutura interna da psique e a realidade (considerada inseparável de sua percepção), estabelecendo uma relação entre o mundo objetivo e a psique na qual ela pode transformar-se a si própria e à sua relação com a realidade circundante. Neste processo, ela parte de um caos inicial onde as três esferas subjetividade, meio ambiente e transcendência ou sentido estão fundidas, para a constituição da consciência como individualidade com as características de autonomia, liberdade, racionalidade, de auto-afirmação e de separação entre eu e o mundo e entre a alma e o corpo, o paradigma da consciência moderna. Entretanto, isto implica em uma separação destas três esferas acarretando sensação de vazio, angústia, isolamento e falta de sentido e de liberdade - características da experiência da crise do indivíduo moderno.

Há um processo de busca de superação desta crise e destas cisões, com a consciência buscando novamente uma união entre estas esferas, isto é, um busca de transcendência e de significado de si do mundo. Nesta busca, a psique projeta para o mundo externo a ela, isto é, o meio ambiente e os “mundos metafísico e espiritual” a totalidade ou integração que se deseja e a jornada que se realiza. A esta imagem de totalidade ou sentido supremo denominamos de “Self”.

Transcendência e subjetividade: o arquétipo do self

Constata-se que todos indivíduos possuem um sentido de “Self”, podendo ser considerado universal, mas existe uma grande variabilidade histórica e cultural nas formas nas quais vivenciado e percebido. A antropologia mostra que a própria noção de “pessoa” ou “eu” é variável culturalmente, discussão esta iniciada por Mauss (1974) em 1938. Atualmente, os conceitos de “Self” e subjetividade tornaram-se importantes na teoria social (cf. Morris, 1994: 1) e na psicologia. Nela, o conceito de “Self” é variável. Ele pode traduzido para o português por eu ou identidade, podendo ser confundido também por personalidade e na literatura psicológica refere-se indistintamente a ego, sujeito, eu ou mim em oposição aos objetos ou sua totalidade (cf. Soar F., 1997).

Três concepções ou aspectos do Self, são reconhecidos por Fox (1990): desejante e impulsivo, racionalizante-decisora e normativo-julgadora. Ele relaciona estes aspectos com a psicologia freudiana e pós-freudiana e com uma atitude de conservação e preservação do meio ambiente, mas submetida ao crescimento industrial e econômico (concepção ambientalista). Contrapõe a isto uma concepção do Self que inclui a idéia de auto-realização, moralidade própria com valores intrínsecos oriundos de seu desenvolvimento interior e expansividade em relações com o meio ambiente e seres não-humanos através de uma conexão psicológica, estabelecendo uma relação afetiva e de co-responsabilidade com outros, a natu-

reza e os seres vivos. Este modelo de relação com a natureza assemelha-se à concepção da ecologia profunda.

A Psicologia Analítica (linha teórica de Jung, Edinger e Whitmont entre outros), considera que além dos princípios acima, o Self corresponde ao arquétipo da totalidade, à percepção pelo ego da transcendência e do seu significado. O ego é visto apenas como a parte da psique responsável pela intermediação entre o mundo externo e a realidade interna. Essa consiste de vários níveis, iniciando pelo individual (inconsciente pessoal) até atingir estruturas inconscientes cada vez mais coletivas e impessoais (família, etnia, etc.). Por último, alcança um substrato comum a toda humanidade denominado psique objetiva, ou inconsciente coletivo. Ele é constituído por arquétipos que atuam como padrões estruturais na mente humana, manifestando-se como padrões de comportamento e/ou imagens. Apesar disto, não possuem conteúdo definido, nem determinam o comportamento do indivíduo, pois são estruturas a serem preenchidas com conteúdos da experiência individual do sujeito, social, cultural, histórica e geograficamente localizado. É fundamental a relação estabelecida pelo ego (consciência) com o inconsciente.

Esta relação se processa em direção a uma maior estruturação do ego e consciência deste do inconsciente (pela projeção e a integração dos conteúdos inconscientes) e dos arquétipos. No decorrer deste processo, o ego percebe um padrão na atuação da psique. Ele corresponde a uma totalidade que abrange tanto o inconsciente quanto o consciente, todo o dinamismo psíquico está submetido a este movimento em direção a totalidade e de seu significado. A totalidade é representada na psique pelo arquétipo do Self ou Si-mesmo.

Este arquétipo “é o centro unificador e ordenador da psique total (consciente e inconsciente)” (Edinger, 22) e associa-se ao temas e imagens como a mandala, unidade, totalidade, centro do mundo e eixo do universo. Ele pode ser estudado através das imagens que o homem faz da divindade.

Na infância, o ego está imerso na totalidade inconsciente; com o crescimento e desenvolvimento do indivíduo e através das relações com outras pessoas, o ego do indivíduo estrutura-se de determinada forma que é cada vez mais separado do Self. Entretanto a separação nunca é completa, existindo uma conexão entre eles. Esta é denominada eixo Ego-Self e assegura a integridade do ego, estruturando o relacionamento entre o ego e o Self e com a realidade externa através do mecanismo da projeção.

A integridade do ego refere-se ao contato com os temas arquetípicos, que através do seu caráter numinoso, conferem ao ego forma e significação, isto é, um significado para a existência (cf. Whitmont, 1991: 48). A relação do ego com o Self (eixo Ego-Self) é a imagem psicológica da relação do indivíduo com a transcendência e de sua atribuição de um sentido ou significado para a vida e o mundo em geral.

Ela pode ser observada através da relação, do significado e da importância em sua vida que o indivíduo atribui à arte, religião (vista de forma pessoal ou sentimento religioso), sociedade humana em geral e natureza, isto é, elementos que ultrapassam ou relacionam-se com algo transcendente como a beleza, divindade, ideal humano entre outros.

Deste modo, na contemporaneidade e com a crise de sentido e ecológica da modernidade a natureza e o meio ambiente transformam seu sentido. Partindo de um objeto com concepção utilitária e instrumental para um elemento significativo e simbólico, representando a possibilidade de uma totalidade e integridade perdida, isto é, assumem a projeção do Self, conforme entendimento da Psicologia Analítica de C. G Jung.

Considerações finais

Os movimentos ecológicos podem ser vistos como uma continuação da contestação ao modelo predominante de sociedade que foi efetuado pelos hippies na América, pelos punks, pelos estudantes em maio de 1968 na França e por movimentos de esquerda em todo o mundo. Estes não são acontecimentos isolados, mas manifestações sociais de uma crise nos paradigmas do modo ocidental de pensar. Esta crise aparece na filosofia no início do século, na ciência com o surgimento da relatividade e da física quântica e nas artes com movimentos como o surrealismo, o cubismo entre outros. Os fundamentos filosóficos e os valores da sociedade ocidental, separação corpo-mente, natureza e animais igualados a máquinas, são questionados e a própria crise ecológica mostra a necessidade de repensar este modelo. Os movimentos ecológicos e os questionamentos que daí surgem dão origem a formas diferentes de pensar a relação homem-natureza e a visão do próprio homem e colocam a necessidade de alterações na sociedade industrial de modo a possibilitar a própria sobrevivência humana, ameaçada.

A crise do mundo moderno, de sua fragmentação e da perda de sentido é constatada por Jung em 1950 relatava que “cerca de um terço de meus pacientes não sofre de neurose clinicamente definível, mas sim da falta de sentido e de propósito em suas vidas” (JUNG apud Jaffé, 1997: 14).

Do ponto de vista psicológico, o sentido e o propósito da vida são dados através da relação do indivíduo com a imagem interior da totalidade, o arquétipo do Self. Em uma situação social de crise ecológica, das formas de relacionamento com o meio ambiente e de questionamento dos valores e o sentido da existência, a natureza ou o meio ambiente ultrapassam o caráter simplesmente instrumental ou de suporte material da existência humana, O indivíduo tende a ampliar significativamente a sua relação com o meio ambiente (experiência ambiental) de maneira que ela contribuía e seja fundamental para a construção de um significado (ou sentido para sua vida). Isto é pode ser interpretado psicologicamente como a natureza ou o meio ambiente assumindo um caráter simbólico, isto é, recebendo uma projeção da imagem de totalidade e integração, isto é, do Self. Isto implica em um “reencantamento” do mundo natural e a religiosidade passa a incorporar a natureza como elemento fundamental do ser humano e incorporando, de forma fantasiosa ou não, o sujeito no em si mesmo, nos deuses e natureza.

BIBLIOGRAFÍA

- BANCO MUNDIAL - BM (1992) Relatório sobre o desenvolvimento mundial 1992: desenvolvimento e meio ambiente. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Berry, T. (1991) O Sonho da Terra. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Boff, L. (1993) Ecologia, mundialização e espiritualidade: a emergência de um novo paradigma. São Paulo: Ática.
- Bowers, C. A. (1993) Education, cultural myths and the ecological crisis: toward deep changes. New York, USA: State University New York Press.
- Capra, F. (1988) O Ponto de mutação. São Paulo: Cultrix.
- Corraliza, J. A. & Gilmartin, M. A. (1998) Psicologia Social Ambiental: ideas y contextos de intervención em ALVARO, J. L. (coord) et all (1998). Psicologia social aplicada. Madrid, ESP: McGraw-Hill. pp 409-427.
- Edinger, E. (1997?) Ego e arquétipo: individuação e função religiosa da psique. São Paulo: Cultrix.
- Ferry, L. (1994) A Nova ordem ecológica: a árvore, o animal e o homem. São Paulo: Ensaio.
- Fox, W. (1990) Transpersonal ecology: 'psychologizing' ecophilosophy. The Journal of Transpersonal Psychology, 1990, vol. 22, n? 1 - pp. 59-96.
- Guattari, F. (1997) As Três ecologias. Campinas, SP: Papirus.
- Gunther, H. & Rozestraten, R. J. A. (1994) Psicologia ambiental: algumas considerações sobre sua área de pesquisa e ensino em Textos do Laboratório de Psicologia Ambiental - Universidade de Brasília, 1994, Vol. 2, n? 2.
- Heimstra, N. W. & Mcfarling, L. H. (1978) Psicologia ambiental. São Paulo: EPU e EDUSP. pp. 1-35, 93-110 e 125-140.
- Hobsbaw, E. J. (1995). Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras.
- Jaffé, A. (1997?) O Mito do significado na obra de C. G. Jung. São Paulo: Cultrix.
- Jung, C. G. (1991) Tipos Psicológicos - vol. VI. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Jung, C. G. (1986) Psicologia e alquimia. Vozes: Petrópolis, RJ.
- Leis, H. R. (org) (1991) Ecologia e política mundial. Petrópolis, RJ: 1991.
- Lowenthal, D & Prince, H. C. (1976) Transcendental experience em Wapner, Cohen & Kaplan (1976) Experience the environment. Londres, UK.
- Mauss, M. (1974) Uma categoria do espírito humano: a noção de "pessoa", a noção do "eu" em MAUSS, M. (1974) Sociologia e antropologia - vol. 1. São Paulo: EPU e EDUSP, pp. 207-245.
- Morris, B. (1994) Anthropology of the self: the individual in cultural perspective. London: Pluto Press.
- Proshansky, H. M.; Ittelson, W. H. & Rivlin, L. (1998) Environmental psychology: man and his physical setting. New York, USA: Holt, Rinehart and Winston Inc.
- Serres, M. (1991) O Contrato Natural. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Soar F., E. J. (1997) Varius multiplex multiformis: epistemologia do self no pós-modernismo. Florianópolis. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, pp. 12-25.
- Thomas, K. (1988) O Homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Companhia das Letras.
- Viola, E. J. & Leis, H. J. (1991) Desordem global da biosfera e a nova ordem internacional: o papel organizador do ecologismo em LEIS, H. R. (org) (1991) Ecologia e política mundial. Petrópolis, RJ: 1991. pp. 23-50.
- Whitmont, E. C. (1991) O Retorno da deusa. São Paulo: Summus